

Neste artigo, ressaltamos que o Vestibular Estadual tem se baseado em uma concepção de língua que não privilegia nomenclaturas, nem o mero reconhecimento de itens isolados, mas põe o foco nas práticas de linguagem. A partir disso, discutimos os efeitos que essa concepção mais abrangente produz em relação à noção de leitura, ultrapassando os limites da atitude pretensamente individual e silenciosa e abrangendo repertórios, expectativas, crenças, valores. Com isso, desejamos ajudar a compreender a preparação para o Vestibular como uma prática mais complexa do que tradicionalmente se imagina, ao mesmo tempo em que procuramos demonstrar que lemos muito mais do que uma visão restrita sobre o texto poderia fazer supor.

Tradicionalmente, imagina-se que “se preparar para realizar provas” seja uma atividade puramente individual, dependendo apenas de organizar a rotina, o material, sentar-se à mesa e começar a ler os materiais separados. Como você já sabe, a realidade concreta é muito mais complexa e diversa dessa imagem, centrada estritamente no desempenho individual. É preciso, por exemplo, que haja materiais adequados e atuais à disposição de todos, para que o acesso às referências culturais e aos conhecimentos acumulados se construa de modo mais democrático e plural.

Nessa direção, você já deve ter observado que o Departamento de Seleção Acadêmica da Uerj (DSEA/Uerj) tem colocado à disposição dos candidatos, dos professores e demais interessados nesse processo de seleção um conjunto de instrumentos que contribuem para, por um lado, desmistificar crenças tradicionais sobre provas e, por outro, incentivar uma preparação mais sólida, com transparência dos critérios adotados e das concepções que fundamentam esse conjunto de práticas que constitui um Vestibular.

Um exemplo bastante consolidado desse compromisso é a criação desta Revista. Dessa forma, sua preparação para o Exame já começou quando você iniciou a leitura dos artigos dela, por exemplo. No contato com os comentários das questões anteriores, você observa não só os padrões de resposta, mas também tem acesso ao desenvolvimento das soluções esperadas. Com isso, você pode aprimorar suas expectativas em relação à prova que fará, observando o tipo de fenômeno abordado e os critérios utilizados para abordá-lo.

Quando foi introduzida uma lista de livros de literatura, no Vestibular Estadual 2018, também foi elaborado o Ciclo de Palestras, com professores especialistas levantando temas e questões gerados pelos livros. Essa, aliás, é uma prática que precisamos valorizar mais na escola. Nem sempre as famílias compreendem adequadamente a necessidade de que parte do livro recomendado para leitura extraclasse seja lido durante as aulas. Como ensinaremos a ler, se não o fizermos coletivamente? Como incentivaremos a leitura, sem que trechos do livro escolhido sejam levados para sala e comentados, gerando o desejo de continuar acompanhando os próximos lances de uma narrativa?

A esse respeito, não há dúvida de que é preciso criar tempo para ler (individualmente ou em grupo) o livro indicado, mas também não há dúvida de que lemos um livro sempre para além das palavras que estão no papel. Lemos relembando experiências anteriores, lemos também criando expectativas sobre o que encontraremos no livro – e na prova sobre ele. Como afirma Paulo Freire: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta [a palavra] não possa prescindir da continuidade da leitura daquele [o mundo]. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente” (1989, p. 19). Dito de outro modo, a leitura que fazemos das palavras é atravessada pela leitura que fazemos dos processos sócio-históricos e econômicos que as tornam possíveis, assim como os sujeitos históricos que somos também se constituem pelas palavras que lemos. Retomando a experiência do Ciclo de Palestras, essa é uma iniciativa que procura reforçar a concepção de que a prática de leitura já se iniciou antes mesmo do contato com o livro e nos acompanha depois de o termos fechado e guardado, com as ideias e inquietações que ele acolhe e dissemina.

Ao lado desse conjunto de instrumentos criados para favorecer um caminho plural e diverso da cena elaborada no início deste artigo, outra fonte de prescrições e pistas relevantes é o Edital. Dessa forma, a participação do candidato em um processo seletivo como o Vestibular pressupõe o domínio de saberes acadêmicos, mas não apenas eles. É preciso igualmente estar atento às etapas em que o processo se divide (inscrição, realização da prova, acompanhamento dos resultados, matrícula, entre outros), para atender os prazos, os procedimentos, as atitudes envolvidas em cada uma dessas etapas.

O Edital é o instrumento que estabelece o contrato jurídico e administrativo entre o candidato e a instituição promotora do concurso. Costuma-se privilegiar, na leitura desse instrumento, o acesso às etapas de realização: o cronograma de inscrição, momento e condição das provas, conferência dos resultados, matrícula na Universidade. Isso pode levar a crer que a leitura do Edital se restringiria a organizar datas e procedimentos.

Sem dúvida, essas informações são fundamentais e organizam a participação do candidato e da instituição no processo. Não atender a essas exigências pode levar à eliminação do concurso. Por outro lado, essas regras também regulam as ações da instituição em relação ao candidato (divulgação dos locais de realização da prova, organização de sua aplicação, divulgação dos resultados e demais procedimentos). Fica evidente que uma boa leitura do Edital é atitude imprescindível pelo acesso a datas e procedimentos administrativos, mas, como dissemos, não só isso. O Edital é também um guia indispensável na preparação para o Exame, pois nele se estabelecem as diretrizes acadêmicas.

Você já teve contato também com os Anexos do Edital? Existem dois Anexos, nos Editais dos Exames de Qualificação, a esse respeito: o Anexo 2, contendo as competências e habilidades, e o Anexo 3, indicando os conteúdos básicos de cada uma das áreas. Essa divisão dos Anexos já sugere ao candidato que os instrumentos de avaliação buscarão sempre olhá-lo como um sujeito de conhecimento integralmente constituído.

Na fase do Exame de Qualificação, estabelecem-se ainda áreas de conhecimento – Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas –, investindo na afinidade entre as disciplinas que integram cada uma das áreas, ou seja, incentiva-se seu caráter interdisciplinar. Reforçando esse caráter, a partir do Vestibular Estadual 2018, foi introduzida a ideia de um texto base em relação ao qual são formuladas questões de todas as disciplinas, ressaltando a contribuição das áreas de conhecimento para a produção de uma leitura qualificada. O recado dado é preciso: ensinar a ler criticamente um texto não é tarefa apenas da disciplina de Língua Portuguesa.

Observando os conteúdos da área de Linguagens, constata-se que se organizam a partir de dois eixos complementares: construção do texto – centrando-se “nos elementos discursivos que garantem a um texto seu funcionamento, buscando explicitar sua dimensão propriamente linguística e sua ancoragem em uma situação de comunicação” – e aspectos literários – explorando “os aspectos literários, a saber, os conceitos e procedimentos próprios da representação artística” . Um primeiro aspecto a ser observado nessa organização reside em seu deslocamento em relação aos conhecimentos tradicionalmente cobrados em Língua Portuguesa: não há um privilégio dos componentes da descrição gramatical (fonologia, morfologia, sintaxe). O que há é um interesse pelo funcionamento dos textos, em seus modos de organização, seus recursos de remissão a outros textos e de articulação interna, bem como pelos mecanismos de representação literária.

Ressalte-se, por tudo o que já discutimos até aqui, que as práticas de leitura envolvem uma complexa relação que cada texto estabelece com outros, já conhecido, e ainda com expectativas de respostas e novos questionamentos que cada um deles inspira. Nesse sentido, essa proposta de ampliação da visão sobre a leitura, predominante no pensamento linguístico contemporâneo e reforçado pelos diversos instrumentos do Vestibular Estadual, tem como consequência, entre outras, a ampliação da noção de texto, incluindo não apenas materialidades verbais, mas também formas de expressão não verbal.

Como uma última discussão a ser levantada neste texto, desejamos ainda demonstrar de que modo é possível abordar a textualidade do verbal e do não verbal em provas de Vestibular. Observando as provas dos Exames de Qualificação anteriores, notamos um uso bastante recorrente de textos em que se utilizam elementos não verbais (tirinhas, charges, reprodução de tela), reforçando o interesse por avaliar conhecimentos sobre a linguagem com base em usos variados, em situações concretas.

Entre os diferentes usos da articulação de elementos verbais e não verbais em textos, percebemos que as questões abordam essas relações de, pelo menos, três maneiras distintas. Na questão 11 do 2º Exame de Qualificação do Vestibular Estadual 2017, o suporte apresentado é uma tirinha da personagem Mafalda:



QUESTÃO

11

Todo o raciocínio da personagem pode ser expresso na fórmula dedutiva "se A, então B".

Para que essa fórmula esteja de acordo com o raciocínio da personagem, ela deve ser redigida da seguinte maneira:

- (A) Se escolhermos onde nascer, então amar a pátria não é uma obrigação.
- (B) Se não escolhermos onde nascer, então amar a pátria é uma conveniência.
- (C) Se a professora se zanga com perguntas, então eu não devo fazer uma redação só com perguntas.
- (D) Se a professora não se zanga com perguntas, então eu posso fazer uma redação só com perguntas.

Na proposição, sintetiza-se todo raciocínio desenvolvido pela personagem, ao longo da tirinha, "expresso na fórmula dedutiva 'se A, então B". A cobrança solicita que se reconheça, entre as alternativas, a redação adequada à fórmula dada. Os elementos não verbais complementam a leitura, sendo possível compreender que todas as falas são atribuídas à mesma personagem e quais são suas reações de inquietação. Nesse contexto, os elementos não verbais estabelecem relação complementar com a parte verbal.

Já na questão 02 do 2º Exame de Qualificação do Vestibular Estadual 2015, por exemplo, é fornecida, na proposição, uma leitura do que ocorre no desenvolvimento do diálogo:



02

QUESTÃO

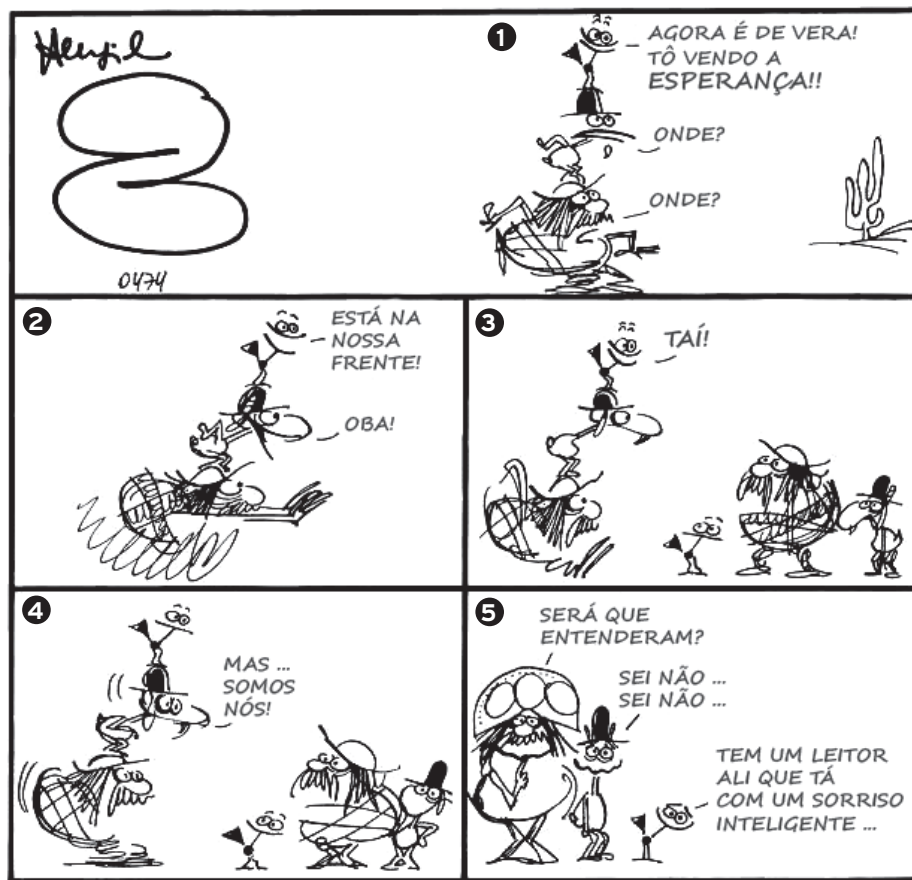
Nos quadrinhos, há uma representação de crescente desespero do personagem que estaria com a aranha em sua perna.

A representação desse desespero é construída por meio do emprego de:

- (A) frases afirmativas e pontuação
- (B) vocabulário usual e interjeições
- (C) linguagem culta e exclamações
- (D) elementos verbais e não verbais

Afirma-se ao candidato que “há uma representação de crescente desespero”, na tirinha, e se solicita que seja apontado por meio de que elementos essa representação é construída. Para responder, é preciso reconhecer a relação de interdependência entre as falas do personagem e a sua expressão facial na sequência de quadrinhos. Um procedimento semelhante é assumido na questão 12 do 2º Exame de Qualificação do Vestibular Estadual 2018:

QUESTÃO
12



A sequência das falas indica uma compreensão do que seja esperança.

O recurso não verbal que reforça essa compreensão é:

- (A) exposição da paisagem no primeiro quadrinho
- (B) representação do movimento no segundo quadrinho
- (C) duplicação dos personagens no quarto quadrinho
- (D) ausência do leitor no quinto quadrinho

Nela já se indica, na proposição, o que a tirinha tematiza – a esperança. Solicita-se a identificação de um elemento não verbal que reforça essa leitura. Sugere-se, com isso, a interdependência entre as linguagens para a apreensão adequada da temática abordada.

No 1º Exame de Qualificação do Vestibular Estadual 2020, ocorre um terceiro tipo de articulação entre as linguagens. Na questão 16, o suporte apresenta um conto do livro Hora de alimentar serpentes, de Marina Colasanti, e uma representação do quadro A Clarividência, de René Magritte:

PARA COMEÇAR

Desejou ter a beleza de uma árvore frondosa tatuada nas costas, copa espreada sobre os ombros. Temendo, porém, o longo sofrimento imposto pelas agulhas, mandou tatuar na base da coluna, bem na base, a mínima semente.

QUESTÃO
16

Observe a imagem abaixo, que reproduz o quadro de René Magritte chamado "A Clarividência".



arteeblog.com

O par "semente-árvore" do conto pode ser comparado ao par "ovo-ave" do quadro, devido a uma mesma relação existente entre os elementos de cada par.

Essa relação expressa, no contexto das duas obras, a ideia de:

- (A) simultaneidade
- (B) possibilidade
- (C) instabilidade
- (D) uniformidade

Na proposição, extraem-se dois pares de palavras que sintetizam a representação artística construída em cada um dos materiais. Solicita-se a identificação do termo que permite comparar os procedimentos artísticos no conto e no quadro. Assim, é estabelecida uma relação de comparação entre o funcionamento interno de cada material e sua dinâmica de produção de sentido, reforçando a ideia de que a leitura também compreende a possibilidade de um texto ajudar a ler outro texto.

Como se pode ver especialmente por esses comentários a respeito dos modos diversos de apropriação de elementos verbais e não verbais no Vestibular Estadual, a seleção de materiais a serem analisados e a ênfase na abordagem de procedimentos e recursos do funcionamento dos textos tem possibilitado uma exploração criativa desses materiais. Ao disponibilizar instrumentos que permitam ter acesso aos critérios e concepções que organizam essas propostas de avaliação, a Uerj tem contribuído com a consolidação de uma concepção ampliada sobre as práticas de leitura nesse contexto de seleção, com diálogo com o trabalho desenvolvido pelos professores que atuam na educação básica. Assim, tem sido possível indicar os limites de uma concepção tradicional das práticas de leitura, incorporando um conjunto de outros saberes fundamentais para o seu exercício. Pensando desse modo, podemos considerar que, quando lemos um texto – no sentido ampliado dessa prática –, recriamos os laços que nos vinculam à comunidade em que nos inserimos.

Referências Bibliográficas:

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Trad. de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados, Cortez, 1989.

SOBRE OS AUTORES

- Bruno Deusdará, Prof. Associada; Instituto de Letras / UERJ.
- Poliana Arantes, prof^a. Adjunta; Instituto de Letras / UERJ.